

A aprendizagem transnacional e o peso do âmbito nacional: as mulheres da Falange Espanhola no universo fascista do entreguerras. As mulheres desempenharam um papel fundamental na ascensão e (re)formação do fascismo espanhol a partir de 1936. Organizadas na Sección Femenina, não se encarregaram apenas do recrutamento e da doutrinação de um número crescente de espanholas. Também desenvolveram uma intensa atividade transfronteiriça e tornaram-se agentes do internacionalismo fascista. Incorporando a perspetiva de género na viragem transnacional dos estudos fascistas, este artigo centra-se nas falangistas espanholas no universo fascista das décadas de 1930 e 1940. Analisa não só os seus contactos com a Alemanha nazi e a Itália fascista, mas também a influência que o contexto nacional teve nas suas relações transnacionais.

PALAVRAS-CHAVE: fascismo; Falange Espanhola; Secção Feminina; viragem transnacional.

Transnational learning and the weight of the national sphere: the women of the Spanish Falange in the universe of interwar fascism. Women played a key role in the rise and (re)shaping of Spanish fascism from 1936 onwards. Organised in the Sección Femenina, they not only undertook the recruitment and indoctrination of a growing number of Spanish women. They also carried out intense cross-border activity and became agents of fascist internationalism. Incorporating the gender perspective into the transnational turn in fascist studies, this article focuses on Spanish Falangist women in the fascist universe in the 1930s and 1940s. The article not only analyses their contacts with Nazi Germany and Fascist Italy, but also the influence that the national context had on these transnational relation.

KEYWORDS: fascism; Spanish Falange; Women's Section; transnational turn.

TONI MORANT I ARIÑO¹

A aprendizagem transnacional e o peso do âmbito nacional: as mulheres da Falange Espanhola no universo fascista do entreguerras

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 1923, o jornal conservador *Las Provincias*, editado em Valência, publicou na primeira página “uma informação sensacional”, denominada “Las camisas negras”. Tratava-se da crónica do seu correspondente em Madrid que, por sua vez, repercutia uma notícia veiculada pouco antes, “em duas colunas, com grandes manchetes”, no jornal lisboeta *O Século* (10-01-1923), anunciando que “o partido fascista” se havia formado em Espanha e que inclusive já tinha encomendado a confeção de “2000 camisas negras”. No entanto, o jornalista espanhol questionava a veracidade de tal informação e, ainda que não duvidasse de que, cedo ou tarde, acabariam surgindo também em Espanha, não podia deixar de se perguntar se esses fascistas seriam iguais aos italianos. Porque, se fossem, surgiria um problema: “O desejo imitativo de muitos espanhóis”, já que “os partidos nacionais não podem ser formados remendando, copiando organizações estrangeiras. Sendo importante o corpo nessas instituições, o mais interessante ainda é a alma” (*Las Provincias*, 16-01-1923).

Essa fonte bastante desconhecida é de interesse para o presente artigo por, pelo menos, duas razões. Por um lado, exemplifica muito bem não apenas a precoce expectativa criada além das fronteiras italianas pela chegada ao poder de uma então nova cultura política, o fascismo, mas também a rapidez

1 O autor é Pesquisador Principal 2 do projeto “Género y nación franquista: perspectivas transnacionales e interseccionales” (PID2022-141082NB-C22), financiado pelo Ministério espanhol de Ciência e Inovação e pelo FEDER – A Way of Doing Europe. O texto foi traduzido para português por Gabrielle Lafin (Universidade de Salamanca).

e o próprio carácter transfronteiriço com que essa expectativa era difundida e replicada em lugares e âmbitos muito diferentes. Por outro lado, a notícia mostra-se interessante também pela precoce advertência diante da “imitação de movimentos estrangeiros”, que já continha os elementos essenciais que ocupariam muitos – e muitas – fascistas durante o período entreguerras... Assim como tocava pontos importantes da historiografia do século posterior: a interação entre identidade nacional, ideologia ultranacionalista e cultura política transnacional, assim como a tensão entre inspiração e cópia/imitação, que, além disso, indicava uma distinção entre “corpo” (organizacional) e “alma” (nacional).

Partindo dessas premissas e aplicando uma perspectiva transnacional e de género, o presente texto centra-se nas fascistas espanholas, organizadas na Sección Femenina (SF) da Falange Espanhola, na atividade transfronteiriça que estas desenvolveram entre 1936 e 1945 e no peso dos fatores nacionais. A SF é uma das organizações do fascismo espanhol mais estudadas, desde os estudos pioneiros de Barrachina-Móron (1979) e de Gallego Méndez (1983). Tendo sido definida como uma “instituição à procura de um investigador” (Sánchez López, 1993), a renovação historiográfica promovida por historiadoras como Blasco Herranz (1999), Richmond (2003), Rodríguez López (2004) e Ofer (2009) tem sido continuada nos últimos anos, a partir de novas perspectivas (Morant i Ariño, 2012; Cenarro, 2023), incluindo a história transnacional (Morant i Ariño, 2018) e a história das emoções (Barrera López, 2019).

Recentemente, Vanessa Tessada (2019, pp. 22-23) aludiu a um “interesse” historiográfico “escasso”, que teria resultado numa escassa atenção pelo tema. Mas aspetos como as relações musicais com as “nações amigas” da Espanha franquista (Pérez Zalduondo, 2010; Martínez del Fresno, 2010; Contreras Zubillaga e Deniz Silva, 2013), a presença da SF na América Latina (Tessada, 2013, 2019), os seus contactos com a Alemanha nazi e a Itália fascista (Morant i Ariño, 2013, 2019) ou a sua atuação nas então colónias espanholas em África (Stehrenberger, 2013; Stucki, 2016; Bengochea Tirado, 2019) já foram estudados na última década e ajudam-nos a qualificar esta afirmação. Em termos relativos, essas análises também nos permitem destacar que sabemos já mais sobre a atividade externa das falangistas do que sobre a das suas “camaradas” noutros países, por exemplo, das italianas e das alemãs, que, com algumas exceções (Harvey, 2012), foi pouco estudada.

Para apresentar o caso das espanholas, em primeiro lugar situarei os primeiros anos da Falange – e da sua SF – no contexto do universo fascista do período entreguerras. Em segundo lugar, descreverei a procura por modelos e o início dos contactos das falangistas com a Itália fascista e a Alemanha nazi no início da guerra civil. Em terceiro lugar, apresentarei a evolução e o

conteúdo das suas visitas às suas homólogas italianas e alemãs. Em quarto e último lugar, concluirei introduzindo a influência do âmbito nacional nestas relações transnacionais. Como fontes primárias, o artigo baseia-se em documentação dos arquivos estatais de Itália (Archivio Centrale dello Stato, Roma) e da Alemanha (Arquivo Político do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Berlim), bem como em publicações periódicas espanholas (os jornais *ABC* e *Arriba*; as revistas *Y*, *Medina* e *Fotos*), italianas (*Annali del Fascismo*, *Il Lavoro Fascista*, *Ottobre*) e alemãs (*Das Deutsche Mädel*, *Völkischer Beobachter*).

O SURGIMENTO DA FALANGE E OS FASCISMOS EUROPEUS

Oito meses após a publicação da notícia em *Las Provincias*, o golpe de Estado do general Primo de Rivera deu lugar a uma ditadura autoritária (1923-1930). Apesar das evidentes simpatias e dos contactos com a Itália fascista, só no início dos anos 30 é que foram fundados partidos fascistas em Espanha. Dois acontecimentos, um nacional e outro internacional, traçaram o seu contexto de surgimento: por um lado, a chegada da democracia, com a proclamação da Segunda República Espanhola em abril de 1931, e, por outro, a nomeação de Hitler como chanceler em janeiro de 1933. Apenas seis meses após a primeira, nasceu o primeiro grupo fascista espanhol, as Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista (JONS), enquanto a Falange Espanhola (FE) surgiria no chamado “ano do fascismo em Espanha” (Saz Campos, 1986, p. 105), apenas nove meses depois da ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP ou Partido Nazi) ao poder. Tanto as JONS quanto a FE se situavam claramente na segunda onda de movimentos fascistas, juntamente com o Nationaal-Socialistische Beweging, nos Países Baixos, a British Union of Fascists, a Ação Integralista Brasileira ou a Nasjonal Samling, na Noruega. Esses movimentos surgiram precisamente entre dezembro de 1931 e outubro de 1933, durante o primeiro “momento global” do fascismo (Reichardt, 2017, p. 6).

A consolidação do fascismo em Itália não tinha sido interpretada apenas como um fenómeno nacional, mas também como “uma força transnacional pan-europeia de renovação” (Bauerkämper e Rossoliński-Liebe, 2017, p. 10). Essa dinâmica viu-se reforçada dez anos depois, com a instauração na Alemanha de um segundo regime fascista. Havia entre os fascistas – dentro, mas também fora da Europa – um sentimento de comunidade e afinidade ideológica (Morgan, 2003, p. 160; Bauerkämper, 2007, p. 47). Em outubro de 1932, Mussolini proclamara, a modo de profecia política: “Daqui a dez anos, a Europa será fascista ou estará fascistizada” (*Opera Omnia*, xxv, p. 147). E, poucos meses depois, o fim da “exceção italiana” confirmou a interpretação do seu movimento como uma “revolução guiada a partir de Roma, mas

universal” (Griffin, 2008, p. 143). Nesse momento, a capital italiana era o já indiscutível “centro do fascismo europeu” (Keizer, 2008, p. 196), uma espécie de “centro gravitacional” em torno do qual orbitavam grupos e figuras fascistas – mas não exclusivamente –, como se se encontrassem num “campo magnético” (Bauerkämper, 2007, p. 45; Woller, 2011, p. 141).

Os líderes dos diferentes movimentos fascistas conheciam-se, mantinham contactos e foram estabelecendo uma rede que, cada vez mais densa, cobria quase toda a Europa (Woller, 1999, p. 97). Além disso, numa época de “viagens políticas” e “turistas ideológicos” (Gehmacher e Harvey, 2011; Schwarz, 1993), deslocavam-se como peregrinos políticos até à “pátria do seu movimento” para poderem ver, *in loco* e em primeira mão, “o original italiano”. Uma audiência com Mussolini era considerada um “ato de credenciamento no mundo fascista”, cujos recetores, como se fossem embaixadores desta então nova cultura política, exibiam ao seu país com orgulho, também a fim de consolidarem a sua própria posição na política nacional. Além de “conselhos para uso doméstico”, esses encontros podiam levar a benefícios concretos: uma favorável cobertura jornalística, consideráveis subsídios e, inclusive, armas de contrabando (Woller, 1999, pp. 97-102). A partir de 1934-1935, a rápida consolidação do regime nazi transformou Berlim no outro centro gravitacional dos fascismos, numa relação de cooperação, mas também de rivalidade e concorrência com a Itália fascista (Bauerkämper e Rossólini-Liebe, 2017, p. 10).

Também no caso do fascismo espanhol, o seu horizonte político manteve-se situado, desde o princípio e “em todos os pontos de vista”, na Europa (Saz Campos, 2003, p. 282). Em março de 1933, apenas um mês e meio após a chegada de Hitler ao poder, um jornal com o inequívoco nome *El Fascio. Haz hispano* indagava quem seria “o caudilho”, isto é, o responsável por fazer o movimento triunfar em Espanha (*El Fascio*, 1/1933). Assim, da mesma forma que, durante a crise final da República de Weimar, a pergunta havia sido “quem se tornará o Mussolini da Alemanha?” (Petersen, 1973, p. 32), os impulsores do fascismo em Espanha situavam-se no mesmo plano de continuidade cronológica e ideológica. Também aos seus olhos, o sinal dos novos tempos vinha marcado de Roma e Berlim – quando não, diretamente, do curso da História. Nesse mesmo mês, José Antonio Primo de Rivera, filho do anterior ditador, não hesitou em fazer uma defesa pública do “movimento que anuncia agora na Europa a sua maré alta”, “esta nova fé civil”, como significativamente – ainda mais num país de tradição católica – definia o fascismo (*ABC*, 22-03-1933).

Em outubro, poucos dias antes de ter fundado a Falange, o próprio Primo de Rivera viajou para Itália para receber das mãos de Mussolini o seu próprio “credenciamento” no mundo fascista. Assim como para a maioria dos

falangistas até ao início da guerra civil, a Itália era para ele a referência ideológica (Payne, 1998, p. 264). Do Palazzo Venezia, o espanhol levou os melhores desejos para o seu incipiente projeto, além de uma fotografia do ditador com uma dedicatória autografada, que colocou bem visível no seu escritório madrilenho, abaixo do retrato do seu pai. Na primavera de 1934, o já líder da Falange viajou para a Alemanha (e teve uma breve entrevista com Hitler em Berlim) e, um ano depois, ocorreu uma segunda visita a Itália, de onde retornou com um considerável financiamento mensal debaixo do braço. Numa e na outra capital, o espanhol não fez senão o que muitos estrangeiros da época faziam: tentar reunir-se com o maior número de hierarquias fascistas possível e ter contacto com as “conquistas” mais relevantes de ambos os regimes, como as suas políticas e as organizações sociais ou juvenis.

Além disso, o líder da Falange aderiu aos Comitati d’Azione per l’Universalità di Roma, a tentativa italiana mais séria de estabelecer uma espécie de “Internacional de Camisas Negras”, tentando, concomitantemente, neutralizar a crescente influência do nazismo no universo fascista do período de entreguerras (Cuzzi, 2005). Entretanto, a imprensa italiana dedicou inúmeros elogios tanto à Falange como ao seu chefe nacional (*Ottobre*, 18-05-1935), enquanto este também não poupava elogios e demonstrações de admiração a um movimento – o italiano – que via como “o facto histórico mais marcante dos nossos tempos [...], fundamento universal de todos os movimentos políticos do nosso tempo”, e ao seu líder, “que reconhecemos como mestre desta nova doutrina” (*Il Lavoro Fascista*, 22-05-1935). No entanto, em Espanha, os falangistas haviam deixado de se definir em público como “fascistas”, por razões de política interna. Da mesma forma que muitos fascistas noutros países (Bauerkämper, 2010, pp. 221, 232), os espanhóis não queriam continuar a ser estigmatizados – conforme já havia apontado a crónica de *Las Provincias* dez anos antes – como sendo de importação ou imitação estrangeira.

AS FASCISTAS ESPANHOLAS E A PROCURA TRANSNACIONAL POR MODELOS

Estes anos foram também os primeiros para as mulheres do fascismo espanhol. Como mostram algumas fotografias, em outubro de 1933 um grupo reduzido havia assistido ao ato fundacional da Falange e, poucos dias depois, algumas delas tentaram filiar-se no recém-criado partido. Porém, depararam-se com uma enorme rejeição: sem qualquer tipo de interesse pela participação feminina, aqueles primeiros falangistas – os seus futuros “camaradas” – alegaram que o movimento era “coisa de homens”, como recordou nas suas memórias Pilar Primo de Rivera (1983, p. 65). No entanto, depois de vários rodeios e

muita insistência, em meados de 1934, a filha do anterior ditador e irmã do líder falangista conseguiu fundar, juntamente com outras seis jovens madrilenhas, a Secção Feminina do partido, organização que dirigiria até à sua dissolução, em 1977. As primeiras atividades da SF foram de carácter puramente auxiliar, uma mera prolongação na esfera política de tarefas consideradas tradicionalmente típicas de mulheres. Não obstante, as suas integrantes foram assumindo cada vez mais responsabilidades organizacionais (expansão por diferentes cidades, distribuição de propaganda) e logísticas (recolher fundos, esconder armas), até ao ponto de, na primavera de 1936, com a Falange na ilegalidade e os seus principais mandatários na prisão ou escondidos, terem sido as mulheres da SF a carregar “quase todo o peso da organização” do partido, algo que – como elas mesmas reconheceriam – era “o trabalho mais interessante” (Y, 12/1939).

Até 1937, as mulheres estiveram ausentes das redes fascistas transnacionais. Mas isso não significa que, por exemplo, as espanholas não tivessem bem claro desde o princípio onde é que se encontrava o seu horizonte ideológico. Mesmo antes da fundação da Falange, tinha sido anunciado que a sua presença seria “um fator importante” nas fileiras do fascismo espanhol, incluindo como exemplo, além disso, que “na Inglaterra foi uma mulher quem deu início ao fascismo” (*El Fascio*, 1/1933), numa implícita alusão a Rotha Lintorn-Orman e aos seus British Fascisti, em 1923. E, ainda antes da guerra civil, a já mencionada Primo de Rivera contava com a “honra” de possuir um retrato com dedicatória do ditador italiano – provavelmente trazido de Roma pelo seu irmão –, sem dúvida a primeira prova da sua precoce afinidade com o fascismo e da “admiração que todos sentíamos por Mussolini”²

O golpe de estado de julho de 1936 gerou, como em muitos outros aspetos, uma situação radicalmente diferente. À medida que ficava claro que a vitória não seria rápida, a Falange começou a construir o Novo Estado fascista. Aos seus olhos, a guerra não era senão um meio para lançar uma revolução nacional-sindicalista que permitisse a Espanha recuperar a sua grandeza imperial. E como – em palavras das próprias falangistas – “não há obra completa sem a mulher, a Falange [...] necessitou também das mulheres para que a sua obra fosse inteira e acabada” (Y, 1/1938). A SF propôs-se doutrinar as mulheres que, aos milhares e centenas de milhares, se iam incorporando no partido. Para

2 Conforme explicou durante a sua primeira visita a Roma, em 1938, havia perdido o retrato ao fugir de Madrid no início da guerra, motivo pelo qual solicitou outro, que orgulhosamente guardou até à sua morte, em 1991; conforme, respetivamente, o “Appunto” de Filippo Anfuso (chefe de gabinete do ministro italiano das Relações Exteriores), de 5-12-1938, conservado no Archivio Centrale dello Stato (ACS, Roma), Segreteria Particolare del Duce, Carteggio Ordinario, pasta 493, e Primo de Rivera (1983, p. 102).

uma opção política que havia sido minoritária – também dentro do campo das forças antidemocráticas – até àquela primavera, enquadrar a metade feminina da “comunidade nacional” da *Nova Espanha* era, sem dúvida, um objetivo muito ambicioso, ainda mais enquanto se lutava numa guerra civil.

Tal como no caso dos seus camaradas masculinos, a procura por modelos das falangistas não se voltou, por exemplo, para uma ditadura como o Estado Novo português, a apenas cem quilómetros da capital da Espanha sublevada. No verão de 1936, a Mocidade Portuguesa encontrava-se num estágio muito inicial (acabava de ser fundada como juventude estatal) e, além disso, dependia diretamente do Ministério da Educação Nacional; por sua vez, a Mocidade Portuguesa Feminina nem sequer havia sido criada, e ainda levaria mais de um ano para ver publicado o seu regulamento.³ As espanholas também não se ativeram ao caso austríaco, embora a ditadura de Dollfuss e Schuschnigg refletisse uma combinação especial de fascismo e catolicismo, com a qual a Igreja mostrou não somente “notáveis coincidências ideológicas” como também uma “extraordinária proximidade” (Tálos e Wenninger, 2017, p. 79).

Pelo contrário, as falangistas não tiveram dúvida alguma em direcionar os seus olhares para a Itália e a Alemanha. A “primitiva admiração” pelo modelo italiano rapidamente fez da sua organização juvenil, a Opera Nazionale Balilla (ONB), uma “importante referência” para o fascismo espanhol (Cañabate Vecina, 2004, p. 95). A ONB era “o símbolo e a vitrina da Itália fascista” (Charnitzky, 1996, p. 326): tinha dez anos de experiência e contava com cinco milhões e meio de membros, de entre os quais 43% eram meninas e adolescentes. Se adicionarmos as mais de 400 mil *giovani fasciste* (de 18 a 21 anos) e as 750 mil mulheres das Fasci Femminili, três milhões e meio de italianas estavam filiadas, em 1936, nas organizações do Partito Nazionale Fascista (Koon, 1985, p. 173; Grazia, 2001, p. 329). Por sua vez, também as suas homólogas nazis contavam com uma longa experiência e milhões de filiadas: um ano antes, a Nationalsozialistische Frauenschaft (NSF, ou Secção Feminina Nacional-Socialista) havia alcançado os dois milhões de filiadas (Stephenson, 1981, p. 148), um número ainda superado pelos dois milhões e meio de jovens que formavam o Bund Deutscher Mädel (BDM, ou Liga das Jovens Alemãs), a ala feminina da Juventude Hitleriana (Miller-Kipp, 2002, p. 47).

As preferências da SF respondiam sobretudo a uma questão de coerência ideológica e inseriam-se perfeitamente na tradição das relações entre regimes e movimentos fascistas de influência e procedência diversa (Sluga, 2009,

3 Os decretos com os regulamentos da MP e da MPF foram publicados no *Diário do Governo*, 1 Série, respetivamente, n.º 284 (4-12-1936), pp. 1391-1394, e n.º 285 (8-12-1937), pp. 1379-1382.

p. 381). Porém, a partir de 1936, estas relações iriam multiplicar-se e contariam com um relevante protagonismo feminino. No final de outubro de 1936, uma líder local da SF escreveu – perante a falta de uma estrutura centralizada na SF nos primeiros meses de guerra civil – diretamente a Achille Starace, o então secretário nacional do PNF. Solicitou-lhe informação sobre a mobilização “da Falange Feminina italiana” (como, num claro caso de identidade política, chamou às Fasci Femminili) durante a recente invasão da Etiópia, que havia sido justamente a sua prova de fogo (Grazia, 2001, p. 327). Depois de lhe anunciar que “aqui começamos a organizar-nos”, a espanhola concluía, exultante, com uma retórica plenamente fascista: “O nosso tempo total aproxima-se.”⁴

No final do ano, começou o envio para Espanha – quase sempre a pedido dos e das falangistas – de material de propaganda sobre a Itália fascista e a Alemanha nazi, principalmente sobre o PNF, o NSDAP e as suas organizações assistenciais, juvenis ou femininas. O volume de contactos era tal que, já em janeiro de 1937, a embaixada alemã reconhecia que praticamente não conseguia fazer frente aos “constantes” pedidos de livros, filmes, cartazes, retratos...⁵ Contudo, em poucos meses e após muitos esforços, as embaixadas de ambas as “nações amigas” da Espanha franquista conseguiram dar resposta à maioria das solicitações, por meio dos seus próprios serviços e pessoal. Canalizado o envio de propaganda, nesse verão passou-se à seguinte fase dos contactos: o envio de líderes falangistas à Itália e à Alemanha. Esse foi o início de relações muito fluidas, que se manteriam, pelo menos, durante os seis anos seguintes.

AS VISITAS

À luz das fontes consultadas, até ao outono de 1943 podem ser constatadas no mínimo 50 visitas entre, por um lado, as falangistas e, por outro, as organizações femininas (adultas e juvenis) italianas e alemãs; pelo contrário, em relação a Portugal só encontramos uma visita. No que se refere à cronologia, estas visitas agrupam-se em duas grandes fases, que, de resto, coincidem quase exatamente com os outros dois “momentos globais” do fascismo (Reichardt, 2017, pp. 6-7): a primeira (1937-1939) ocorreu durante o tempo restante da guerra civil até à invasão da Polónia; a segunda (1941-1943), durante o período de

4 Carta de Concha Herrera Murube ao *segretario* do PNF, de 30-10-1936; em ACS, fundo do Ministero della Cultura Popolare (MCP), Direzione Generale per i Servizi della Propaganda (DGSP), caixa 204-1.

5 Escrito do embaixador Wilhelm Faupel ao seu ministério em Berlim, 21-01-1937. Em PA AA, RAV 163/759.

máxima expansão do Eixo. No total, ocorreram 23 viagens das falangistas à Alemanha e nove a Itália, assim como seis visitas das italianas e 12 das alemãs nazis a Espanha. No que concerne às visitas das espanholas, das 23 feitas à Alemanha, 17 corresponderam à sua organização feminina (SF), cinco ao Auxílio Social (AS, a organização assistencial do partido) e uma foi conjunta, com líderes de ambas as organizações. Por outro lado, todas as visitas a Itália foram da SF, já que o Auxílio Social se concentrou exclusivamente na Alemanha (e somente durante a guerra civil). Em relação à distribuição temporal, as estadias das falangistas dividiram-se em partes praticamente iguais entre as duas fases: 12 visitas à Alemanha e cinco a Itália até 1939, e 11 e quatro, respetivamente, durante a Segunda Guerra Mundial.

Estes números revelam, em primeiro lugar, um peso evidente do eixo hispano-alemão (35 visitas, 68% do total) frente ao hispano-italiano (15 visitas, 30%); apesar da proximidade, a SF só realizou uma visita (2%) a Portugal. Em segundo lugar, os números mostram um protagonismo não menos claro das espanholas, com 32 visitas realizadas (64%) em comparação com as 18 recebidas (36% restantes), no que pode ser interpretado como mais um caso de relações assimétricas no universo fascista do entreguerras (Bauerkämper e Rossolinski-Liebe, 2017, p. 4). No que se refere às alemãs e às italianas, a sua atenção por Espanha foi muito reduzida durante a guerra civil, pelo menos a julgar pelo número de visitas, com apenas duas delegações nazis e nenhuma italiana. No entanto, durante a guerra mundial, a situação mudou radicalmente e as visitas às falangistas multiplicaram-se por oito: nos apenas dois anos e meio entre a primavera de 1941 e o outono de 1943, visitaram a Espanha dez delegações alemãs e seis das suas homólogas italianas (FF/GIL). Estas últimas ocorreram num único ano (1942), o mesmo no qual se concentraram todas as visitas da SF a Itália após 1939, o que aponta para uma intensificação notável, ainda que fugaz, das relações entre as fascistas dos dois países, precisamente no ano anterior à queda do fascismo em Itália.

A líder mais ativa em todo o período analisado foi, de longe, Pilar Primo de Rivera, que protagonizou quase um terço das excursões das falangistas: uma visita a Portugal, duas a Itália e seis à Alemanha em pouco mais de cinco anos, entre abril de 1938 e agosto de 1943. A sua “tentação pelo Eixo” (Bowen, 2005) culminou em quatro viagens ao país germânico e uma a Itália em apenas 13 meses, entre agosto de 1941 e setembro de 1942, e isso sem contar com outros três convites da Alemanha (1937, 1939 e 1941) que a falangista recebeu, mas que, por diferentes razões, não chegaram a concretizar-se. O seu dinamismo destaca-se ainda mais se o compararmos com as suas homólogas fascistas e nazis: uma única vez visitaram a Espanha tanto a delegada nacional do BDM, Jutta Rüdiger (outubro de 1938), como a *ispettrice generale* das Fasci

Femminili, Olga Medici del Vascello, e a chefe da ala feminina da Gioventù Italiana del Littorio (GIL, a sucessora da ONB), que viajaram juntas, em 1942. A “Líder Nacional das Mulheres” alemãs, Gertrud Scholtz-Klink, nunca visitou Espanha, embora tenha enviado a sua tenente, Else Paul, em 1939. Todas foram, isso sim, anfitriãs de numerosas visitas das espanholas.

No que diz respeito à tipologia, a maioria das visitas das espanholas foram períodos de estudo num plano bilateral (Espanha/Itália e Espanha/Alemanha), especialmente até 1939. Estavam sujeitas a critérios de seleção (além dos políticos, o nível da língua e a formação prévia) e os seus grupos costumavam ser formados por um reduzido número de componentes (normalmente, entre seis e doze). Além da delegada nacional, as escolhidas costumavam ser líderes superiores (o seu *staff* de dirigentes e auxiliares centrais) ou intermédias (a nível provincial ou local). Antes da partida, recebiam instruções precisas do que deveriam estudar e, de regresso a Espanha, deveriam elaborar relatórios sobre o que fora visto e aprendido durante as visitas. Esperava-se delas que, em retorno, se encarregassem de formar líderes inferiores ou as próprias filiadas, fomentando assim o fator multiplicador dos intercâmbios.

Em relação às visitas a Itália especificamente, a primeira, no verão de 1937, significou uma exceção tanto em número (mais de 200 integrantes) quanto, principalmente, em composição (meninas órfãs da guerra, acompanhadas por um grupo ainda maior de meninos). O resto das delegações (cinco) que visitaram o considerado “berço do fascismo” tiveram números muito menores: em algumas ocasiões, cerca de 50 falangistas e, em outras poucas (incluindo as de Primo de Rivera), no máximo, uma dúzia de líderes. Os períodos de estudo costumavam durar duas ou três semanas (exceto no caso da delegada nacional, em que eram mais breves), e a geografia incluía cidades do Centro e do Norte do país (Roma, Florença, Milão, Génova...); Nápoles foi o ponto mais a sul em que as espanholas estiveram. Por exemplo, as 11 líderes que viajaram em dezembro de 1937 tinham sido convidadas para um “*tour educativo*”, durante o qual, segundo a imprensa italiana, puderam realizar “um atento estudo das organizações e das atividades das Fasci Femminili, das Massaie Rurali e da Opera da Maternidade e do Dopolavoro” e “admirar as grandiosas obras do Regime” (*Annali del Fascismo*, 12/1937). Essas afirmações revelam a vontade das suas anfitriãs – como também fariam as alemãs – de destacar o carácter de modelo que tinham para as visitantes. Para Itália, Primo de Rivera viajou em duas ocasiões, 1938 e 1942. Na primeira, reuniu-se com Mussolini e com ministros tão importantes como o das Relações Exteriores (Galeazzo Ciano), o da Educação Nacional (Giuseppe Bottai) e o da Cultura Popular (Dino Alfieri), assim como com líderes como o já mencionado Starace ou os membros no nível mais alto das organizações femininas.

Não obstante, foi na Alemanha que a finalidade formativa das visitas se mostrou especialmente evidente. A importância da referência nazi para as espanholas ia além do plano meramente quantitativo do número e da frequência das visitas, e era evidente sobretudo nas suas próprias características. A grande maioria das visitas eram de estudo, principalmente até 1939; de facto, a invasão da Polónia surpreendeu por terras germânicas duas delegações da SF, que tiveram de retornar apressadamente. Além disso, as viagens tinham, por norma, uma duração muito maior do que à Itália – em algumas ocasiões, de dois e até três meses. Em pequenos grupos, de seis a doze líderes, as espanholas percorriam o país (o Centro e o Oeste, zonas mais católicas; quase nunca o Leste) estudando detalhadamente, “com toda a minúcia” (Y, 1/1938), o que as respetivas delegações nacionais (SF ou AS) lhes haviam solicitado. Normalmente, o seu objeto de estudo eram as organizações femininas (a NSF e, sobretudo, a BDM) e o Serviço Alemão do Trabalho (RAD), no caso da SF; e as organizações sindical (Frente Alemã para o Trabalho, ou DAF) e assistencial (Assistência Popular Nacional-Socialista, ou NSV), no caso do Auxílio Social.

Dedicavam-se ao estudo intensivo das diferentes organizações nazis; nada de férias, como as próprias falangistas se encarregavam de explicar. Para aproveitarem ao máximo, trabalhavam de segunda a sábado, visitando todos os níveis organizacionais: nacional, provincial e local. Costumavam dividir o estudo entre teoria e prática e, frequentemente distribuídas em subgrupos, revezavam-se, a fim de maximizarem o proveito de tudo o que era visto, visitando diferentes escritórios e serviços de uma mesma organização. No entanto, o primordial carácter prático na base de todas as visitas de estudo à Alemanha levava-as a realizarem intercâmbios, às vezes durante várias semanas, em diferentes tipos de escolas e acampamentos da BDM (Y, n.º 11, dezembro de 1938; *Völkischer Beobachter*, 25-06-1941) e do RAD feminino (*El Observador del Reich*, 4-03-1938; *Völkischer Beobachter*, 1-07-1939; *Arriba*, 21-07-1939), assim como em escolas de comando, de maternidade ou de economia doméstica (*Fotos*, n.º 43, 18-12-1937; *ABC*, 06-08-1939), em cuja rotina se integravam realizando mais ou menos as mesmas atividades que as alemãs. Talvez preocupadas em não ferir as sensibilidades nacionalistas das suas convidadas, as líderes nazis procuravam ensinar às falangistas não como deveriam ensinar em Espanha, mas sim como elas mesmas ensinavam na Alemanha. A intenção era que as espanholas pudessem tirar as suas próprias conclusões e, posteriormente, pensar em como adaptá-las à Espanha para as aplicarem no seu regresso.⁶

6 Relatório R-5371/1938, sem data [inverno de 1938]. Em PA AA, RAV 163/759.

Durante as suas viagens à Alemanha, Primo de Rivera reuniu-se com diversos hierarcas nazis, a começar pelo próprio Hitler (Y, 4/1938), pelo ministro da Propaganda (e *Gauleiter* de Berlim, Goebbels) e por Rosenberg, passando – assim como também algumas altas mandatárias da SF – por alguns *Gauleiter* do NSDAP (como, por exemplo, o da Organização Exterior, Bohle) e pelos dirigentes máximos das organizações visitadas: além das anteriormente mencionadas, Rüdiger e Scholtz-Klink, também Baldur von Schirach e Artur Axmann (chefes nacionais da Juventude Hitleriana) ou Konstantin Hierl (líder do RAD). Ainda que o estudo e a aprendizagem fossem “vividos” na prática do dia a dia em acampamentos e escolas, o significado desses encontros para as falangistas sem dúvida que ia além do meramente protocolar e tinha uma importância simbólica, também para aqueles que em Espanha, pelo menos até 1943, liam a ampla cobertura jornalística das visitas, tanto na imprensa como nas publicações da Falange. Por último, as espanholas participaram também na “liturgia” nazi de massas e mostraram-se especialmente impactadas pela “grande parada de Nuremberg”, que lhes pareceu “inesquecível”, “algo apoteótico, grandioso, que não foi feito para ser descrito” (Y, 11/1938; *Fotos*, n.º 43, 18-12-1937).

Ao avaliarem as suas visitas, as espanholas não poupavam elogios. Sobre Itália, Carolina Zamora, chefe provincial da SF em Córdoba e líder do primeiro grupo de visita, explicava, entusiasmada: “Parece um sonho, este país. Todo o mundo trabalha com o pensamento na Pátria e em Mussolini, que veneram” (ABC, 4-09-1937). Todas as declarações da delegada nacional da SF ao regressar da sua primeira visita foram dirigidas para a exaltação do fascismo, o “entusiasmo do povo italiano” e a “sua enorme simpatia pelas coisas de Espanha”; a sua audiência com Mussolini tê-la-ia deixado “vivamente impressionada”, e afirmava voltar “maravilhada” pelo “aperfeiçoamento e organização” do quadro juvenil e feminino do PNF (ABC, 16-12-1938). No que se refere à Alemanha, se em artigos de imprensa ou entrevistas as falangistas afirmavam ter tido “uma magnífica impressão” (nas palavras de Primo de Rivera ao principal órgão de imprensa nazi; *Völkischer Beobachter*, 14-04-1938) pelo “grande interesse” suscitado, ter presenciado “algo admirável” (segundo Cândida Cadenas, primeira líder das juventudes da SF; ABC, 10-12-1937) e ter retornado com uma “impressão de conjunto [...] insuperável” (*Fotos*, n.º 43, 18-12-1937), também na sua correspondência era abundante o entusiasmo “por quão interessantes eram os estudos”, pela viagem “simplesmente maravilhosa” e pela “temporada verdadeiramente inesquecível”.⁷ De facto, embora fossem membros de um

7 Carta de uma alta mandatária da SF a um funcionário do Ministério de Propaganda nazi e da embaixada alemã em Espanha; vide Ángela Pla a Hans Kröger, 01-02-1938, em PA AA, RAV 163/784.

partido ultranacionalista que iam aprender a um país estrangeiro, a finalidade formativa das visitas não se escondia. Na realidade, muito pelo contrário. Era indiferente que fosse na imprensa espanhola – “Nós, com certeza, íamos estudar” (*Fotos*, n.º 43, 18-12-1937) – ou na alemã – “Queremos ver, ver muito... e aprender” (*Hamburger Fremdenblatt*, 14-08-1938).

Não por acaso, a função referencial, de exemplo a seguir, que as falangistas viam em ambas as potências fascistas atravessava os períodos de estudo e tornava-se especialmente importante no momento de construir o seu próprio projeto político. Para elas, a Itália e a Alemanha eram os modelos organizacionais, aquilo que elas queriam para o futuro do seu país. Como disse a já referida líder local a Starace, “queremos um país como o seu, grandioso”,⁸ impressão confirmada um ano depois por outra entusiasta líder após a sua visita a Itália: “Este é um povo grande. Assim sonho eu que seja e será, porque manda nela o Caudilho Franco, a nova Espanha” (*ABC*, 4-09-1937). Ao regressar da sua primeira visita a Itália, Pilar Primo de Rivera afirmou ter visto a “prova evidente dos laços de estreita união que ligam dois povos irmãos” (*ABC*, 16-12-1938). O mesmo padrão pode ser encontrado em relação à Alemanha: uma viagem que “nos serviu, principalmente, para nos darmos conta das possibilidades da nossa Falange”. Observando a consolidação da ditadura nazi desde 1933, as falangistas mostravam-se “convencidas [...] do muito que Espanha pode fazer em quatro anos” (*Fotos*, n.º 43, 18-12-1937).

O contacto ao longo dos anos e as viagens levaram a que a afinidade ideológica subjacente se expressasse abertamente: tratava-se de “companheiras de além das fronteiras”, nas palavras da dirigente central do Serviço Exterior da SF (*Y*, 1/1938), que, em plena guerra mundial, seguiam compartilhando uma “porção de interesses” e “problemas com idênticas características” (*Medina*, n.º 11, 29-05-1941). O adjetivo “idênticas” é aqui particularmente simbólico, porque as relações entre falangistas, fascistas e nazis, mais do que de afinidade e camaradagem, eram de identidade e identificação, algo que já tinha sido revelado em 1936, pelo simples facto de se referirem às Fasci Femminili como a “Falange Feminina Italiana”. O entusiasmo gerado já pelas primeiras visitas fazia uma líder falangista falar das suas “irmãs alemãs e italianas” (*Y*, 1/1938). Poucos meses mais tarde, Primo de Rivera referiu-se à irmandade entre Itália e Espanha, ao passo que em 1942 eram as alemãs que consideravam as falangistas suas “irmãs”, como afirmou em duas ocasiões, durante a sua visita a Espanha, Ruth Moll, líder na chefia de mulheres do *Reich* (*Medina*, n.º 51, 8-03-1942; *Y*, n.º 51, abril de 1942).

8 A já mencionada carta de Concha Herrera Murube ao *secretario* do PNE, 30-10-1936.

Não se tratava apenas de declarações. Esta identificação refletiu-se no terreno das práticas e dos símbolos que revelavam e, ao mesmo tempo, (re)produziam uma identidade ideológica que se entendia a si mesma como parte de uma cultura política transnacional mais ampla: a fascista. Por um lado, ao participarem juntas em acampamentos ou saudando-se umas às outras, e também às bandeiras das demais, com o braço ao alto (*Y*, 1/1938; *Das Deutsche Mädel*, setembro de 1938). Por outro lado, no caso das falangistas, com concentrações ao ar livre portando bandeiras com a suástica (*Das Deutsche Mädel*, janeiro de 1937), ou com Primo de Rivera a levar, em repetidas ocasiões (em visita à Alemanha, mas também em Espanha), condecorações e insígnias nazis (*Medina*, n.º 81, 4-10-1942). Esse reflexo alcançava inclusive atividades tradicionalmente femininas, como costurar ou confeccionar leques, transformadas agora em transmissoras e representantes de uma identidade política, se aquilo que se costurava eram bandeiras alemãs e italianas e até os leques carregavam os símbolos dos partidos e das “nações amigas” (Alpuente, 2009). Por último, pelo menos no caso espanhol, a ideologia fascista que se partilhava podia fazer com que se chegassem a sublimar as fronteiras e identidades nacionais. Em 1937, o jornalista falangista César González Ruano perguntava retoricamente se os meninos e meninas do mencionado grupo poderiam realmente sentir-se estrangeiros em Itália (*ABC*, 11-09-1937), ao passo que a líder da delegação da SF ia ainda mais longe ao proclamar: “Na Itália não nos sentimos estrangeiras, sentimos-nos italianas” (*ABC*, 4-09-1937).

PARA CONCLUIR: A APRENDIZAGEM FASCISTA TRANSNACIONAL E O PESO DO ÂMBITO NACIONAL

Os dois principais fascismos europeus tiveram uma importância fundamental para a ascensão e a (re)configuração da cultura política do fascismo espanhol depois de 1936. E, para as falangistas, as visitas a Itália e à Alemanha serviam para observarem em primeira mão e estudarem os seus modelos e referências. Não obstante, como no caso de muitos outros fascismos, tratava-se de um processo de apropriação seletiva. O âmbito nacional importava, “pesava”. Até mesmo o entusiasmo podia abarcar *nuances*, e o estudo do fascismo italiano e do alemão fazia-se presente sempre pensando no seu próprio país. De certo modo, isso já tinha sido referido pela crónica com a qual começa o presente texto, e, 15, 20 anos depois, as (e os) falangistas continuavam a ter consciência disso. Não se tratava de importar exatamente um modelo determinado, e muito menos de reproduzir de forma mimética tudo o que fora visto. As espanholas tiravam as suas próprias conclusões e tentavam adaptar o que tinham visto e aprendido às circunstâncias espanholas. Era algo plenamente coerente com a

sua cultura política e, por outro lado, nada incomum nas relações entre os fascismos do entreguerras (Bauerkämper e Rossoliński-Liebe, 2017, pp. 3 e 10).

Ainda que com as suas respetivas preferências (ele, pela Itália; ela, pela Alemanha), os dois irmãos Primo de Rivera concordavam nisso. O fundador e chefe nacional já tinha distinguido em 1935 dois segmentos no fascismo: o italiano, certamente, não podia ser aplicado a Espanha, mas do “fundamento universal” era, sim, possível extrair “os princípios e a política que se adaptem ao nosso país”, no qual – acrescentava em seguida – ele via, de todas as maneiras, grandes afinidades com a Itália (*Il Lavoro Fascista*, 22-05-1935). E repeti-lo-ia três anos mais tarde, praticamente nos mesmos termos, mas em circunstâncias radicalmente diferentes, a delegada nacional da SF, em referência ao nazismo. Depois de proclamar a sua já mencionada “magnífica impressão”, não teve problemas em marcar uma clara distinção: “Para mim, é inegável que num país só pode ser imposto aquilo que surge do seu próprio espírito. A história do meu país é a prova de que Espanha rejeita tudo aquilo que lhe parece estranho à sua essência. No entanto, é necessário diferenciar entre o espírito e as organizações. Estas últimas, quando se trata de modelos exemplares, sempre podem servir como inspiração” (*Völkischer Beobachter*, 14-04-1938).

Essas observações não significavam, de modo algum, que as falangistas deixassem de ver nas organizações nazis a sua principal referência, assim como também não significaram qualquer redução da sua afinidade e solidariedade em relação à Itália e, principalmente, à Alemanha, nem sequer após a mudança de rumo da guerra mundial. E, embora com as organizações nazis tivessem ocorrido mais do dobro de visitas do que com as italianas, a mera comparação 1:1 mais turva do que ilumina o quadro geral da atuação transnacional da SF entre 1936 e 1945. Se os fascismos não podem ser estudados isolados uns dos outros, o mesmo se pode dizer acerca dos seus contactos transfronteiriços. Como demonstram as suas quase 50 visitas, para as espanholas, as relações com as suas “companheiras”, “camaradas” e até “irmãs” fascistas e nazis não se anulavam nem se neutralizavam mutuamente – nem sequer com a constante rivalidade ítalo-germânica pela liderança de todo aquele universo fascista. Bem pelo contrário, ambas as afinidades eram compatíveis e coerentes.

Afinal, as relações transnacionais e as culturas políticas ultranacionalistas e, mais genericamente, a perspetiva transnacional e o nível nacional devem ser entendidos não como contraditórios entre si, mas como complementares e até dialéticos (Bauerkämper, 2010, p. 215). A ativa presença das falangistas fora das fronteiras espanholas teve efeitos profundos para elas, inclusive no plano nacional. Por um lado, enquanto líderes de um partido único no estrangeiro, atuavam, sentiam-se e eram vistas como representantes do seu país. Isso não só lhes dava orgulho, confiança e segurança em si próprias e na sua missão;

sabiam também como divulgar e comunicar em Espanha o reconhecimento que recebiam além das fronteiras nacionais. E as fascistas espanholas não eram apenas representantes nacionais, mas foram também, segundo Jessica Reinisch (2016, p. 213), “agentes do internacionalismo”, ao usarem os seus contactos transfronteiriços para reforçarem a posição da Falange e de Espanha na “Nova Europa” nazi e, ao mesmo tempo, consolidarem a sua posição política no seu próprio país, sobretudo nos anos entre o final das duas guerras, quando se intensificaram os apelos ao seu “regresso” ao lar (de certa forma, também ao nacional).

Esses efeitos também se deram a longo prazo. Como demonstra Vanessa Tessada (2019), na análise da sua intensa atividade desenvolvida na América Latina após 1945, se considerarmos tanto os esforços da Secção Feminina para manter uma projeção internacional própria e independente como também as práticas e estratégias utilizadas (envio de propaganda, participação em conferências e organismos internacionais, expedições e visitas ao estrangeiro, convites e subsídios para visitar Espanha) para difundir as ideias falangistas para além do Atlântico em plena Guerra Fria, é evidente que nem os efeitos nem as lições aprendidas pelas fascistas espanholas na Itália fascista e na Alemanha nazi terminaram com a derrota na Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVOS

Archivio Centrale dello Stato (ACS, Roma):

Fundo da Segreteria Particolare del Duce, Carteggio Ordinario, pasta 493.

Fundo do Ministero della Cultura Popolare (MCP), Direzione Generale per i Servizi della Propaganda (DGSP), caixa 204-1.

Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes (PA AA, Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores, Berlim), RAV 163, caixas 759 e 784.

FONTES

ABC, 22-03-1933; 4-09-1937; 11-09-1937; 10-12-1937; 16-12-1938; 6-08-1939.

Annali del Fascismo, dezembro de 1937.

Arriba, 21-07-1939.

Das Deutsche Mädel, janeiro de 1937, setembro de 1938.

El Fascio. Haz Hispano, n.º 1 (março de 1933).

El Observador del Reich, 4-03-1938.

Fotos, n.º 43, 18-12-1937.

Hamburger Fremdenblatt, 14-08-1938.

Il Lavoro Fascista, 22-05-1935.

Las Provincias, 16-01-1923.

Medina, n.º 11, 29-05-1941; n.º 51, 8-03-1942; n.º 81, 4-10-1942.

O Século, 10-01-1923.

Ottobre, 18-05-1935.

Völkischer Beobachter, 14-04-1938, 1-07-1939, 25-06-1941.

Y. Revista para la mujer, 1/1938, 11/1938, 12/1939, 51/1942.

PRIMO DE RIVERA, P. (1983), *Recuerdos de una vida*, Madrid, Dyrsa.

SUSMEL, E., SUSMEL, D. (eds.) (1958), *Opera omnia di Benito Mussolini. xxv. Dal dodicesimo anniversario della fondazione dei Fasci al Patto a Quattro (24 marzo 1931 – 7 giugno 1933)*, Florença, La Fenice.



ALPUENTE, M. (2009), *Mujeres de azul*, Madrid, Ministerio de Cultura – Secretaría General Técnica.

BARRACHINA-MORÓN, M.-A. (1979), *La Section Féminine de FET et des JONS puis du Mouvement National. Origines, genèse, influence, fin: 1933-1977*. Tese de doutoramento, Toulouse, Universidade de Toulouse.

BARRERA LÓPEZ, B. (2019), *La Sección Femenina, 1934-1977. Historia de una tutela emocional*, Madrid, Alianza.

BAUERKÄMPER, A. (2007), “Ambiguities of transnationalism: Fascism in Europe between pan-Europeanism and ultranationalism, 1919–39”. *German Historical Institute London Bulletin*, XXIX (2), pp. 43-67.

BAUERKÄMPER, A. (2010), “Transnational fascism: cross-border relations between regimes and movements in Europe, 1922-1939”. *East Central Europe*, 37, pp. 214-246.

- BAUERKÄMPER, A., ROSSOLIŃSKI-LIEBE, G. (2017), "Introduction". In A. Bauerkämper, G. Rossoliński-Liebe (eds.), *Fascism without Borders. Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe, 1918–1945*, Nova Iorque, Berghahn, pp. 1-38.
- BENGOCHEA TIRADO, E. (2019), *La Sección Femenina en la provincia de Sahara. Entrega, hogar e imperio*, Barcelona, Bellaterra.
- BERGÈS, K. (2003), *Pilar Primo de Rivera (1906-1991): cause féminine, idéologie phalangiste, stratégies et enjeux politiques dans l'ombre du régime franquiste*. Tese de doutoramento, Toulouse, Universidade de Toulouse.
- BLASCO HERRANZ, I. (1999), *Armas para la contrarrevolución: la Sección Femenina en Aragón (1936-1950)*, Málaga, Universidade de Málaga.
- BOWEN, W.H. (2005), "Pilar Primo de Rivera and the axis temptation". *The Historian*, 67 (1), pp. 62-72.
- CAÑABATE VECINA, J.A. (2004), *Les organitzacions juvenils del règim franquista (1937-1960). Trajectòria general i evolució a les Balears*, Palma, Documenta Balear.
- CENARRO, Á. (2023), "'The Falange changed our way of being completely': women and gender identity in Spanish Fascism". *European History Quarterly*, 53 (2), pp. 297-315.
- CHARNITZKY, J. (1996), *Fascismo e scuola. La política scolastica del regime (1922-1943)*, Florença, Nuova Italia.
- CONTRERAS ZUBILLAGA, I., SILVA, M.D. (2013), "'Obligados a convivir pared con pared'. Los intercambios musicales entre España y Portugal durante los primeros años del franquismo (1939-1944)". In G. Pérez Zalduondo, G. Gan Quesada (eds.), *Music and Francoism*, Turnhout, Brepols, pp. 25-57.
- CUZZI, M. (2005), *L'Internazionale delle camice nere. I CAUR, 1933-1939*, Milão, Ugo Mursia Editore.
- GALLEGO MÉNDEZ, M. T. (1983), *Mujer, Falange y franquismo*, Madrid, Taurus.
- GEHMACHER, J., HARVEY, E. (2011), "Editorial: Reisen als politische Praxis". *Österreichische Zeitschrift für Geschichtswissenschaften*, 22 (1), pp. 5-13.
- GRAZIA, V. de (2001), *Le donne nel regime fascista*, Venezia, Marsilio.
- GRIFFIN, R. (2008), "Europe for the Europeans. Fascist myths of the European New Order, 1922-1992". In M. Feldmann (ed.), *A Fascist Century. Essays by Roger Griffin*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, pp. 132-180.
- HARVEY, E. (2012), "International networks and cross-border cooperation: national socialist women and the vision of a 'New Order' in Europe". *Politics, Religion & Ideology*, 13 (2), pp. 141-158.
- KEIZER, M. de (2008), "Europa! Fascisme!". *Tijdschrift voor Geschiedenis*, 121 (2), pp. 190-197.
- KOON, T.H. (1985), *Believe, Obey, Fight. Political Socialization of Youth in Fascist Italy, 1922-1943*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.
- MARTÍNEZ DEL FRESNO, B. (2010), "La Sección Femenina de Falange y sus relaciones con los países amigos. Música, danza y política exterior durante la guerra y el primer franquismo (1937-1943)". In G. Pérez Maldonado, M.I. Cabrera García (coords.), *Cruces de caminos. Intercambios musicales y artísticos en la Europa de la primera mitad del siglo xx*, Granada, Editorial Universitaria de Granada, pp. 357-406.
- MILLER-KIPP, G. (2002), *Auch du Gehörst dem Führer. Die Geschichte des Bundes Deutscher Mädel (BDM) in der HJ*, Weinheim, Juventa.
- MORANT I ARIÑO, T. (2012), "'Para influir en la vida del Estado futuro'. Discurso - y práctica - falangista sobre el papel de la mujer y la feminidad, 1933-1945". *Historia y Política. Ideas, procesos y movimientos sociales*, 27, pp. 113-141.

- MORANT I ARIÑO, T. (2013), *Mujeres para una "Nueva Europa". Las relaciones entre la Sección Femenina de Falange y las organizaciones femeninas nazis, 1936-1945*. Tese de doutoramento, Valência, Universidade de Valência.
- MORANT I ARIÑO, T. (2018), "Las mujeres que también fueron fascistas. Los primeros años de la Sección Femenina de Falange en una mirada transnacional". *Historia del presente*, 32, pp. 11-26.
- MORANT I ARIÑO, T. (2019), "Spanish Fascist women's transnational relations during the Second World War: between ideology and Realpolitik". *Journal of Contemporary History*, 54 (4), pp. 834-857.
- MORGAN, P. (2003), *Fascism in Europe, 1919-1945*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- OFER, I. (2009), *Señoritas in Blue: The Making of a Female Political Elite in Franco's Spain*, Brighton e Portland, Sussex Academic Press.
- PAYNE, S. G. (1998), *Franco y José Antonio: el extraño caso del fascismo español. Historia de la Falange y del Movimiento Nacional (1923-1977)*, Barcelona, Planeta.
- PÉREZ ZALDUONDO, G. (2010), "La música en los intercambios culturales entre España y Alemania (1938-1942)". In G. Pérez Zaldouondo, M. I. Cabrera García (coords.), *Cruces de caminos. Intercambios musicales y artísticos en la Europa de la primera mitad del siglo xx*, Granada, Editorial Universitaria de Granada, pp. 407-449.
- PETERSEN, J. (1973), *Hitler, Mussolini. Die Entstehung der Achse Berlin-Rom, 1933-1936*, Tubinga, Niemeyer.
- REICHARDT, S. (2017), "Globalgeschichte des Faschismus. Neue Forschungen und Perspektiven". *Aus Politik und Zeitgeschichte*, 42-43, pp. 10-16.
- REINISCH, J. (2016), "Introduction: agents of internationalism". *Contemporary European History*, 25 (2), pp. 195-205.
- RICHMOND, K. (2003), *Women and Spanish Fascism*, Londres, Routledge e Fundación Cañada Blanch.
- RODRÍGUEZ LÓPEZ, S. (2004), *La Sección Femenina y la Sociedad Almeriense durante el franquismo*. Tese de doutoramento, Almeria, Universidade de Almeria.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, R. (1993), "Sección Femenina, una institución en busca de investigador. Análisis crítico de la bibliografía disponible". *Historia Social*, 17, pp. 141-154.
- SAZ CAMPOS, I. (1986), *Mussolini contra la II República. Hostilidad, conspiraciones, intervención (1931-1936)*, Valência, Alfons el Magnànim – Institució Valenciana d'Estudis i Investigació.
- SAZ CAMPOS, I. (2003), *España contra España. Los nacionalismos franquistas*, Madrid, Marcial Pons.
- SCHWARZ, A. (1993), *Die Reise ins Dritte Reich. Britische Augenzeugen im Nationalsozialistischen Deutschland*, Göttingen e Zúrich, Vandenhoeck e Ruprecht.
- SLUGA, G. (2009), "Fascism and anti-fascism". In A. Iriye, P.-Y. Saunier (eds.), *The Palgrave Dictionary of Transnational History*, Houndmills, Macmillan, pp. 381-382.
- STEHRENBARGER, C. S. (2013), *Franco's Tänzerinnen auf Auslandstournee. Folklore, Nation und Geschlecht im "Colonial Encounter"*, Bielefeld, Transcript.
- STEPHENSON, J. (1981), *The Nazi Organisation of Women*, Londres, Croom Helm.
- STUCKI, A. (2016), "¿Espanolizar desde la raíz? La formación de una élite femenina de cooperación en el 'pequeño imperio español', c. 1960-1975". *Journal of Spanish Cultural Studies*, 17 (4), pp. 343-360.
- TÁLOS, E., WENNINGER, F. (2017), *Das Austrofaschistische Österreich, 1933-1938*, Viena, Lit Verlag.

- TESSADA SEPÚLVEDA, V. (2013), “Fronteras de la comunidad hispánica de naciones. El aporte de la Sección Femenina de Falange y su proyección en Latinoamérica”. *ILCEA. Revue de l’Institut des langues et cultures d’Europe, Amérique, Afrique, Asie et Australie*, 18.
- TESSADA SEPÚLVEDA, V. (2019), “El Servicio Exterior y la Sección Femenina de FET y de las JONS. Intentos de acercamiento con América Latina (1938-1950)”. *Historia* 396, número especial, pp. 19-40.
- WOLLER, H. (1999), *Rom, 28. Oktober 1922: Die Faschistische Herausforderung*, Munique, DTV.
- WOLLER, H. (2011), *Geschichte Italiens im 20. Jahrhundert*, Bona, Bundeszentrale für Politische Bildung.

Recebido a 17-05-2022. Aceite para publicação a 13-11-2023.

ARIÑO, T. M. (2024), “A aprendizagem transnacional e o peso do âmbito nacional: as mulheres da Falange Espanhola no universo fascista do entreguerras”. *Análise Social*, 252, LIX (3.º), pp. 2-22. <https://doi.org/10.31447/202250>.

Toni Morant i Ariño » toni.morant@uv.es » Àrea d’Història Contemporània, Facultat de Geografia i Història, Universitat de València » Avinguda de Blasco Ibàñez, 28 — E-46010 València, España » <https://orcid.org/0000-0002-8507-0723>.
